

GLOBALIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO, CULTURAS VULNERÁVEIS: APROPRIAÇÃO LOCAL DE CONTEÚDO GLOBAIS – O CASO ANGOLANO*

Luiz Signates**
Abdul Muchingeca***

RESUMO

o presente artigo é uma reflexão sobre o atípico processo de apropriação de conteúdos simbólicos a partir das telenovelas brasileiras, os canais MTV e derivados na sociedade angolana. Ele parte da hipótese de que ambos os produtos midiáticos se tenham tornado as maiores referências para construção de identidade e são aceitos de forma hegemônica por lá. Traz também uma breve reflexão sobre os níveis de vulnerabilidade cultural que se registram naquela sociedade e vai ao sentido de problematizar a realidade vivida em Angola.

PALAVRAS-CHAVE: Conteúdo simbólico. Globalização. Identidade. Novelas, MTV.

O conceito “globalização” de acordo com Thompson (1995) consiste num processo crescente de interconexão entre diferentes partes do mundo, reordenação do espaço e do tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia, dando origem às formas complexas de interação e interdependência. Este processo, na sua vertente hegemônica (Gramsci) dá origem a outro fenômeno – o imperialismo cultural- entendido segundo Herbert Schiller (1969) como a imposição de valores, hábitos de consumo e influências culturais que se tornam uma espécie de padrão cultural a ser seguido pelo país dominado, ou seja, nas culturas simbolicamente vulneráveis.

O imperialismo cultural é uma forma de influência cultural distinguida de outras pelo uso de força, tal como a militar ou econômica. A influência cultural é um processo natural que ocorre entre diferentes culturas, mas o imperialismo, em contrapartida, evidencia uma troca desigual. Os povos de estados, nações e culturas mais pobres ou menos poderosos adaptam frequente e livremente práticas e artefatos culturais de sociedades mais poderosas e mais ricas sem nenhum senso crítico.

Bauman (2001, p. 210) afirma que “A incidência dos efeitos da globalização será diferente conforme o contexto sócio-institucional em que se manifestem os diferentes processos

*Recebido em 26/05/2016. Aprovado em 05/06/20

** Universidade Federal de Goiás. E-mail: signates@gmail.com

*** Universidade Federal de Goiás. E-mail: abdul.pedro@hotmail.com

de construção de identidades” (apud FLEURY, SUBIRATS, BLANCO, 2009, p. 9). O que nos preocupa fundamentalmente dentro do grande universo das apropriações locais de conteúdos globais é: - Até que ponto a produção de sentido sobre as novelas brasileiras e os canais musicais americanos (MTV's, TRACE) podem se constituir no principal referencial de construção de identidade em Angola?

Nos países menos desenvolvidos (como é o caso de Angola) as poucas estações de televisão não têm recursos para produzir extensos programas próprios (devido, em parte, à transformação da mídia estatal em mídia governamental). A importação de seriados americanos, em preços negociados bilateralmente, é uma maneira relativamente barata de preencher os horários de transmissão (THOMPSON, 2007).

De acordo com Thompson (2007) o monopólio estruturado do fluxo internacional de bens simbólicos é resultado de vários fatores econômicos e históricos. Os níveis de dependência são amplamente segmentados, no campo das notícias, não se consegue escapar das imposições das agências de base em Londres, Paris e Nova York.

A fim de compreender a produção de sentidos construídos sobre as novelas brasileiras e os canais MTV e derivados, empreender-se-á breve revisão bibliográfica de autores que analisam questões referentes aos estudos culturais, identidade e globalização da comunicação como, Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini, John Thompson e tantos outros.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho pretende ser totalmente bibliográfico, compilando alguma parte do conteúdo já acumulado sobre o assunto e em seguida fazer uma reflexão sobre a realidade Angolana. Não tem qualquer intenção de trazer respostas concretas por se tratar de um fenômeno amplo e complexo de ordem global.

Impressões históricas

A história da TV por assinatura em África de modo geral, está atrelada a história da holding NASPERS, grupo sul-africano fundado em 1915 (hoje presidida por Koos Bekker) com o objetivo de promover a causa do povo africâner, descendentes de holandeses, franceses e alemães que chegaram ao ponto extremo sul da África, o cabo da Boa Esperança, a partir de 1652 (SOMMA, 2004).

Com o passar dos tempos o grupo de dividiu-se em duas outras sucursais M-net e a Multichoice. Esta última que se responsabilizou pela gestão de assinantes, e as atividades de distribuição de sinal de TV e telefonia celular por quase todo o continente africano e Angola não é exceção. A Multichoice Angola opera através da Dstv (Digital Satellite Television ou somente DStv). A DStv é um serviço de distribuição de televisão por assinatura. Está disponível em todo o território angolano desde 1998. A DStv conta com uma rede de Agentes que funcionam como parceiros e estendem a prestação do serviço para mais próximo do consumidor (ANGONOTÍCIAS, Apud ANGOP, 2009).

Destarte, embora não se possa afirmar categoricamente que tenha sido este o ano de início de recepção de conteúdos globais no país, visto que muito antes, os angolanos já tinham contato com uma série de conteúdos internacionais produzidos mundo afora, inclusive os brasileiros, consideraremos como esta data o início de um processo de recepção em massa de conteúdos globais.

Com uma programação bastante precária, conteúdos pouco atrativos e limitados econômica e politicamente, dependente do suporte governamental (...) as mídias locais não conseguem disputar a atenção dos telespectadores com as TV's brasileiras. Este fato faz com que, do ponto de vista da construção da identidade as emissoras brasileiras que operam em

Angola, além da proximidade histórica se constituam como grandes referências identitárias naquele país.

Impressões atuais

A influência das produções brasileiras fez com que os angolanos conhecessem a cultura através da teledramaturgia. Além de entreter, os folhetins brasileiros até hoje ditam a moda em Angola. Figurinos e acessórios de personagens se transformam em uma verdadeira febre e influenciam o comportamento e modos de estar-junto do cotidiano daquelas populações (SOUZA, 2015).

O processo de apropriação dos conteúdos simbólicos brasileiros em Angola se dá de tal maneira que, segundo o docente da USP Carlos Serrano “Os angolanos, sobretudo os de nível social mais baixo, nutrem quase que uma idolatria pelo Brasil” (apud BORGES, 2007). Este fato, em nossa maneira de ver, se dá principalmente pela pobreza de conteúdo simbólico no país fruto de vários constrangimentos de ordem política (CRUZ, 2009) e econômicos.

Recentemente, dentro dos esforços de manutenção do processo de exposição a conteúdos simbólicos vindos do exterior, iniciou-se uma nova saga com o canal “ZAP”, que dentro de sua grade tem disponibilizado para seus clientes em Angola cerca de dois ou três canais exclusivos de telenovelas mexicanas.

Neste início de século em que o mimetismo de modelos vai sendo abandonado, a afirmação da identidade cultural há de traduzir-se em respostas a um novo tipo de ameaças trazidas pela globalização das comunicações e homogeneização dos interesses (KANDJIMBO, 2012). O termo globalização da comunicação é aqui tomado como moldura de análise de um processo em que mensagens locais são distribuídas em escala cada vez mais global a partir de determinados cen-

tros de poder simbólico e apropriados nas mais variadas formas em locais tão distantes dos de onde são produzidos – como é o caso de Angola.

É difícil dizer o que as novelas e as músicas norte-americanas como rap/hip-hop provocam nos telespectadores angolanos. Mas observando as novas gerações, é notável a difusão de valores como ostentação, hedonismo, superficialidade e apelos sexuais usualmente cultuados por esses meios. Em Angola esses valores se estendem tanto para os músicos, como nos mais variados setores sociais, inclusive, no próprio aparelho governamental.

A hegemonia que a cultura brasileira representa através de novelas, é facilitada por enormes trocas comerciais unilaterais nos mercados de moda, cosméticos e tantos outros que Angola mantém com a sociedade brasileira e que pode ser documentada na quantidade de sacoleiras(os) que diariamente desembarcam aqui, à procura da mais recente “novidade” apresentada pelas novelas aos angolanos, constituindo-se assim a sua grande referência.

Ainda dentro do âmbito de trocas culturais, Pepetela (2011), em entrevista à BBC, afirmou que “Os angolanos, em seu imaginário, têm o Brasil, como uma das referências principais, ao passo que os brasileiros não têm sequer Angola como referência”. Aproveitando a deixa, nos perguntamos: culpa dos brasileiros? Creio que não. Nós (angolanos) escolhemos o Brasil como referência por que assim o quisemos e acreditamos ver em suas produções simbólicas como o norte a ser seguido.

Impressões sobre a apropriação local

A influência brasileira nos países lusófonos como é o caso de Angola, só tem crescido cada vez mais. Pela tela da TV um Brasil disfarçado, construído com base em clichés e omitido cirurgicamente por meio de novelas,

telejornais, programas de variedades e seriados das redes Globo e Record (NIERO,2012). Segundo o mesmo, “Incentivo ao consumo e ao materialismo, irresponsabilidade, superficialidade, manipulação e omissão. Palavras fortes, mas são adequadas ao se analisar a TV brasileira”. Produtos que a mesma herdara do American way of life e que ele, para este contexto, nomeia como sendo “brazilian way of life”.

Michell Niero (2012) define o brazilian way of life como “o conjunto de hábitos, crenças, atitudes, valores adquiridos através da mídia brasileira”. As novelas brasileiras, independentemente de qual emissora, conseguiram no espaço de tempo que operam em Angola inculcar no imaginário social, todo um espírito consumista.

Nosso foco no mundo audiovisual tanto proveniente dos Estados Unidos como do Brasil, prende-se ao argumento de Canclini (2007) segundo o qual, é no mundo audiovisual: música, cinema, televisão e informática onde a globalização se percebe mais claramente. “O sistema multimídia que integra parcialmente esses quatro campos oferece possibilidades inéditas de expansão transnacional até nas culturas periféricas”.

Outro aspecto com que este artigo se preocupa dentro da apropriação local de conteúdos globais provem do chamado “American way of life” materializado nos canais de música MTV e TRACE. Foi o rap americano que popularizou no showbizz, ao longo dos anos 1990, o hábito de ostentar riqueza e poder (SPREJER, 2014).

Ostentar, no uso comum da palavra, não é apenas se exhibir, mas principalmente uma sinalização de status social, normalmente associada à riqueza e poder. Atrelada ao trem que é a indústria cultural, enquanto mecanismo catalizador do consumismo, a ostentação que, pela sua natureza, deveria ser um privilégio de sociedades desenvolvidas, torna-se para os angolanos um meio de autoinserção no mundo global através do consumo

por emulação, costume absorvido, principalmente, de certas culturas como é o caso dos EUA através de seus canais musicais.

Mais recentemente, no âmbito do interesse que a sociedade angolana suscita aos teóricos mundo afora, Ricardo S. de Oliveira, professor de Política Comparada da Universidade de Oxford, (em uma entrevista guiada por Pedro Aires Oliveira) faz uma análise que vai ao encontro do que pretendemos defender: como as novelas brasileiras e também a ostentação absorvida do “American way of life” se materializam na sociedade angolana.

[...] há uma grande diferença na postura social dos ricos em Angola. Até há 10 anos, uma pessoa que não vivesse no centro de Luanda não via os ricos. A televisão era má, “soviética”, e os ricos viviam em Lisboa, ou entre Lisboa, Luanda e o Mussulo. Hoje em dia há uma televisão que chega a muitas partes do país, e há uma cultura pública do luxo e da ostentação, visível, por exemplo, nas telenovelas angolanas, que são decalcadas das brasileiras. Há uma latinoamericanização de Angola, que passou de um país principalmente pobre a um país com as divisões sociais típicas daquela região. São sociedades que têm muitos pobres, mas também uma classe relativamente alargada com privilégios e uma cultura material bastante mais próspera. E isso está a testar, seriamente, a legitimidade do status quo (apud AIRES OLIVEIRA, 2015).

Todo este processo de influência cultural, como se viu, não se limita a elite possuidora, ela se estende até as camadas mais baixas através de “produtos facilitados” (Baumann) que passam a sensação de participar do processo global aos mais pobres. Portanto, compreender a sociedade é como o que afirmavam os teóricos da indústria cultural, “aqui, alguém ainda pode fazer fortuna, mas desde que não olhe muito reto diante de si, mas consinta em pactuar. Aquele que reside pode sobreviver apenas se inserindo” (ADORNO, apud LIMA, 2000, p.180).

É uma situação bastante complicada, à medida que se trata de uma sociedade cujos níveis de vulnerabilidade cultural são gritantes e as possibilidades de resistência pouco aperfeiçoadas, devido ao contexto histórico vivido, o que acarreta o aumento de absorção líquida dos valores simbólicos impostos verticalmente pelos centros de poder.

Este processo complexo engendrado pela indústria cultural se dá, como afirma Adorno (2005):

A totalidade das instituições existentes os aprisiona de corpo e alma a ponto de sem resistência sucumbirem diante de tudo que lhes é oferecido. E assim como a moral dos senhores era mais levada a sério pelos dominados do que pelos próprios senhores, assim também as massas enganadas de hoje são mais submissas ao mito do sucesso do que os próprios afortunados (apud LIMA, 2005, 182).

Desta feita, podemos afirmar que o poder da indústria cultural em países periféricos se dá através das necessidades criadas, além da onipotência em face da impotência que encontra nas culturas tradicionais ou locais.

Impressões sobre globalização e identidade

Enquanto que em países emergentes já se começa a questionar os efeitos negativos de globalizar-se, em países não emergentes como é o caso de Angola, globalizar-se ainda é um sonho que não alcançou total plenitude. Foram-se os tempos em que era fácil sustentar que toda abertura e integração internacional seria benéfica para todos (CANCLINI, 2007 p. 43).

Se, como afirma Canclini (2007), “Hoje, Davi não sabe onde está Golias” – como sociedades simbolicamente enfraquecidas podem elaborar estruturas sólidas para coexistência pacífica do conteúdo local com o global? Como podem, sociedades que ainda desfrutam de tudo o que a indústria cultural lhes oferece, ter

noção de que certas apropriações se dão de modo inconsciente? Que soluções encontrar para os conflitos geracionais de identidade estimulados pela globalização da comunicação em comunidades ainda carentes de condições sociais básicas?

O processo de globalização em sociedades periféricas parece produzir estereótipos da globalização: discriminação dos emergentes em relação aos subdesenvolvidos e admiração e receio no sentido inverso. Em sociedades como a angolana, onde ainda se carece de condições sociais básicas, recém-chegados de uma guerra civil, poder governamental hipercentralizado e ditatorial não pode sentir-se imune às consequências, principalmente negativas do processo da globalização como, o desenraizamento das identidades que não puderam se consolidar devidos aos conflitos de toda ordem (colonial, civil) e ao mesmo tempo precisa inserir-se num mundo globalizado onde a influência se dá de cima para baixo (efeito trickle-down).

É difícil obter consenso popular para mudanças nas relações de produção e consumo que tendem a depreciar os vínculos das pessoas com seu território nativo, onde valores culturais vigentes durante muito tempo são atualmente repelidos. Fruto de um consumismo exacerbado, rituais antigos parecem também terem sido já contaminados, o que resulta numa troca de acusações entre gerações, onde, os mais velhos recorrem quase sempre as expressões como “são as novelas brasileiras que lhes estão fazendo isso” como forma de demonstrar insatisfações face a determinados comportamentos da juventude atual.

É preciso trabalhar no sentido da construção de conceitos que permitam a uma redistribuição entre o próprio e o alheio que está ocorrendo nestes tempos globalizados. Mas, como manter um equilíbrio entre o local e global hegemônico? Segundo Canclini (2007, p. 28) “não penso que, hoje, a opção central seja entre defender a identidade ou nos globalizar. Os

estudos mais esclarecedores não são os que apontam para uma revisão de questões identitárias isoladas, mas os que propiciam a compreensão do que podemos fazer e ser com outros, de como encarar a heterogeneidade, a diferença e a desigualdade. Continua ele, “há que se elaborar construções logicamente consistentes, que possam ser contrastadas com as maneiras como o global “estaciona” em cada cultura e com os modos como o local se reestrutura para sobreviver, e talvez tirar algum proveito das trocas que se globalizam”.

De acordo com Hall (1992, p.65) quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade. Nesta ordem de ideias, considerando que em Angola, as culturas regionais mantêm-se encapsuladas em suas localidades não podendo costurar (HALL, 1992) uma única identidade nacional, talvez por esse fato, a latino-americanização e hedonismo exacerbado absorvido do American way of life que Angola sofre, encontrem naquele país um terreno bastante fértil devido mesmo a ausência de uma única referência nacional.

Se a identidade do sujeito moderno tem sido deslocada, não substituída por outra, mas por uma pluralidade de centros de poder (LACLAU, 1990, apud HALL, 1992, p. 16), em Angola, arriscaríamos em dizer que estes centros são hoje o Brasil, EUA e mais recentemente com grande peso o México que tem disponível em Angola através da ZAP (provedora de TV por assinatura) oito (8) canais exclusivos para as novelas mexicanas em 24 horas/ dia.

A psicanálise postula que a identidade surge da “falta de inteireza” que é “preenchida” a partir de nosso exterior, através das formas pelas quais nós imaginamos ser vistos por outros (Freud). Se as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos

identificar, constroem identidades (HALL, 1992), como construir identidade nacional em lugares onde se tem o país (enquanto delimitação territorial) mas ainda não chegou a nação? Aqui o conceito nação deve ser entendido enquanto “comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’ (SCHWARTZ, 1986, apud HALL, 1992).

É imperioso lembrar que este processo de apropriação de conteúdos simbólicos não se dá de forma homogênea por todo o país. Como afirma Hall (1992) as nações africanas emergiram depois da descolonização, o que precedeu à colonização não foi “uma única nação, um único povo”, mas várias culturas e sociedades tribais diferentes. Este fato faz com que este processo apropriação de conteúdos simbólicos seja mais notório nas tribos urbanas (Maffesolli), naquela franja da população com maior acesso a informação e que reside na urbe. Este fato, é claro, não isenta as populações rurais destes processos, visto que, o consumo por emulação é também uma realidade no país.

Os teóricos dos estudos culturais afirmam que à medida que as culturas nacionais estão cada vez mais expostas a influências externas – como é o caso de Angola – fica difícil conservar as identidades culturais que se supunham intactas ou impedir seu enfraquecimento através de tanto conteúdo simbólico externo. Este é um fenômeno que a ninguém exclui, estejam estas pessoas nas cidades ou em zonas rurais de qualquer parte do mundo.

Embora a globalização não tenha apagado a identidade local em sua plenitude, fato que acreditamos ser pouco provável, mas é fato que, as sociedades periféricas – como Angola- segundo Stuart Hall “têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. Para se ter uma ideia, em Angola, quanto mais a identificado com valores ocidentais mais respeitabilidade, modelo, referência a pessoa

se torna em relação a outros identificados mais com as culturas regiões, e isso, ocorre em todas as camadas sociais desde a elite até ao povo (OLIVEIRA, 2015).

CONCLUSÕES PARCIAIS

Compreender a sociedade angolana, a partir dos desdobramentos da indústria televisiva não constitui uma tarefa fácil à medida em que ainda não se pode falar de uma indústria televisiva de produção local, como já ocorre com o Brasil. A história da televisão angolana é relativamente pobre, desde seu início, inserida dentro de um contexto macro de instabilidade política, guerras civis, desde então sempre dependente e limitada aos ditames do governo. Do ponto de vista do entretenimento, as relações de dependência remontam desde a década de 80, período em se veiculou em canal aberto a telenovela “Roque Santeiro” que foi um sucesso inédito e podemos considerar um marco nestas relações.

De lá para cá, estas relações só cresceram, as telenovelas brasileiras são veiculadas em canal aberto e em canal fechado. O processo de latino-americanização de Angola não se encerrou com o consumo de conteúdos midiáticos brasileiros. As produções mexicanas também deram o ar de sua graça naquele país, inicialmente não tão intensas, mas que, agora, com o surgimento de novos provedores de TV por assinatura como é o caso da ZAP, como se pode constatar, as produções mexicanas consumidas em Angola cresceram de tal maneira que a ZAP como dissemos, acima, disponibiliza cerca de oito canais apenas de novelas 24 horas/dia ao telespectador angolano. Recentemente, com a inclusão da Globo em seus pacotes, com transmissão exclusiva, a empresa torna-se líder em distribuição de conteúdo midiático vindo do exterior.

Quando nos propusemos a questionar o processo de apropriação de conteúdos globais na sociedade angolana através comunicação, nossas dúvidas eram poucas, as certezas pareciam

óbvias. Ao longo do desenvolvimento deste artigo, o que pudemos perceber foi exatamente o oposto.

A programação televisiva angolana, quando comparada com as estrangeiras que são veiculadas no país é bastante fraca tanto tecnologicamente quanto do ponto de vista do conteúdo, o que tornam os programas pouco atrativos e além de enfrentarem uma série de limitações nos assuntos a abordar e na maneira de os abordar. O país conta apenas com dois canais televisivos (TPA e TV Zimbo) o primeiro público e o segundo “privado”. Há escassez de recursos para produzir extensos programas, fazendo da importação de seriados uma alternativa barata e atraente (THOMPSON, 2008).

Ao tentar-se compreender o “Brazilian way of life” através das novelas e os valores do “American way of life” através dos canais MTV, TRACE e outros em Angola, estamos tentando compreender até que ponto a hegemonia destes fenômenos naquela sociedade, não encontra qualquer tipo de resistência, antes pelo contrário, encontra um terreno tão fértil que acaba deixando para segundo plano os valores locais.

Compreender o fenômeno da apropriação local é ir um pouco mais a fundo nas questões de vulnerabilidade cultural em que o país se encontra. Primeiro, porque o país não teve tempo para a edificação da nação, dentre as várias culturas regionais nenhuma conseguiu sobrepor as demais se tornando hegemônica. E como afirmam alguns teóricos, onde há um vazio de poder, alguém sempre se predispõe a ocupá-lo, e neste caso particular, o Brasil e os EUA acabam sendo hegemônicos por lá.

No caso das telenovelas, o que mais se absorve, é uma cultura consumista, que só favorece o escoamento da produção têxtil do Brasil e deixa os angolanos, sobretudo, os mais pobres, num tremendo desespero para aquisição da última moda que a novela acabara de anunciar. O proces-

so hegemônico que o Brasil mantém sobre Angola é quase tão completo para seus beneficiários que acreditamos ser umas das razões para que um merchandising custe tão caro nas novelas. Então vemos, os angolanos têm as novelas como ponto de referência no que concerne à moda, hábitos nos relacionamentos amorosos, consumo e tráfico de drogas e tantos outros valores negativos que acabam sendo absorvidos tão rapidamente, devido, em primeiro lugar, a falha do sistema de ensino, as famílias desestruturadas, fruto da guerra civil que assolou o país, a instituições de referência do Estado como: Igreja, Escola, Autoridades tradicionais, etc. vivem um descrédito sem precedentes fruto da própria globalização, um cenário em que as narrativas não mais fazem tanto sentido para as jovens gerações que, embora, ainda de modo embrionário, passam a questionar os valores até então vigentes.

Ao assistirem aos programas televisivos, dentre eles, as novelas, os angolanos entram num mundo sonhos, de desejos, de imaginação que ao contrário de outras quimeras, esse pode ser realizado, já basta um salto para o outro lado do oceano. Este processo que também acreditamos que deveria ser bem mais organizado, é realizado da maneira mais informal. Grande parte dos produtos brasileiros referentes a moda, são levados para Angola por um grande número de sacoleiras como podemos descrever acima, não existe um sistema formal de escoamento dessa produção que mesmo assim, tem uma presença acima da média no mercado de moda angolano.

As novelas acabam sendo um motor de aceleração de vendas de determinados produtos demandados pelo mercado angolano cujo acesso se deu pelas novelas e outros programas de TV brasileira. É incrível se ver em Angola como o horário da novela molda a relação que os indivíduos mantêm com o tempo. Os relacionamentos amorosos ficam procrastinados para horários após a novela, pois que, ninguém quer perder algum capítulo.

Nosso questionamento vai no sentido de como poderiam os angolanos não ter como referência identitária as novelas brasileiras? Que instrumentos os angolanos teriam para negociar sentidos com um pouco mais de crítica? Teria o sistema de ensino angolano as condições para tamanho desiderato? É do interesse da classe política está ambição? – só o tempo dirá, mas pelo que podemos observar é que os angolanos encontraram nas novelas brasileiras o melhor jeito de se sentirem inseridos no mundo global.

O sentimento de pertencimento de uma nação é construído aos poucos, cada passo serve para naturalizar a identidade, ou seja, agir como se ela sempre existisse daquela forma, ligada a tradições antigas e fundamentais na formação do povo que a habita. Talvez o fato de não termos conseguido ainda criar este sentimento, em parte, nos torna ainda mais vulneráveis a tais influências.

Desde seu surgimento nos Estados Unidos, a MTV tem priorizado a atitude, atribuição básica aos jovens do século XX. Logo, percebe-se que tudo o que é veiculado por este canal tem seu foco na juventude, que é seu público-alvo, e por isso se preocupa tanto em ser atual, lançar e estar na moda, agradando seus telespectadores (FERNANDES, ALVES, 2010).

Sendo a MTV e derivados, um canal de música pós-moderno como alguns teóricos o consideram como é o caso de Oliva (2005), por toda uma estética ligada à moda, ideia que é corroborada por Lipovetsky, “a pós-modernidade concerne a valores e atitudes ligados à moda, a uma tendência forte, onde se enaltece mais o corpo, e se adquire a autonomia individual”. Como uma sociedade que pode ser considerada ainda como tradicional lida com conteúdos pós-modernos como é caso da MTV? Que mecanismos de discernimento teria ela para fazer face a essas informações?

Insiste Lipovetsky (apud FERNANDES, ALVES, 2010) que a lógica pós-

-modernidade acaba por gerar na sociedade um conformismo tamanho, que as pessoas aceitam, mais do que passivamente, aquilo que recebem pelos veículos de comunicação. Tomando isto como verdade, por tudo o que descrevemos durante o trabalho, leva-nos a conclusão de que os níveis de absorção dos conteúdos simbólicos destes canais, em sociedade tão vulneráveis como a Angolana, chegam até a ser previsível.

Em muitos países, a MTV adquire as características locais, com conteúdos locais, apresentadores locais, etc. no sentido de uma maior adesão de seu público. Em Angola, diríamos, a programação da MTV chega como um “diamante bruto, sem lapidação”, dito de outro modo, os conteúdos cujo estímulo maior são o narcisismo, hedonismo, ostentação material, características da sociedade norte-americana chegam aos telespectadores angolanos como se estivessem chegando aos americanos. E como aos angolanos estes conteúdos os encontram “desprotegidos” criticamente, só lhes resta absorção sem filtro de tudo quanto podem, o que não estiver ao alcance cai nas frustrações. Daí então termos uma sociedade não capitalista mas bastante consumista.

Enfim, a pergunta em questão enfoca o que as sociedades culturalmente vulneráveis têm de fazer para que se consiga uma coexistência pacífica entre o local e global? Em tempos de compressão espaço-tempo onde não há mais tempo para se seguir um desenvolvimento gradual, como as sociedades tradicionais podem negociar mecanismos de resistência?

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A. Economia das trocas simbólicas. S.P, Perspectiva, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. A globalização imaginada. São Paulo, Iluminuras, 2007.

HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 11ª edição, 1992.

LIMA, Luís Costa. Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

OLIVA, Rodrigo, O Intervalo Comercial da MTV Pelo Viés da Fragmentação e Pós-Modernidade, 2005. www.observador.pt/especiais/ acesso em 6 maio. 20.00.02

OLIVA, Rodrigo, O Intervalo Comercial da MTV Pelo Viés da Fragmentação e Pós-Modernidade, 2005. Disponível em: www.observador.pt/especiais/ >. Acesso em: 6 maio 2016.

THOMPSON, John. Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia. Petrópolis (RJ), editora Vozes, 2008.

Disponível em: [www.agostinhoneto.org/indexphp/brasilian way of life](http://www.agostinhoneto.org/indexphp/brasilian%20way%20of%20life) >. Acesso em: 12 maio 2016.

Disponível em: www.reporterbrasil.org.br/ >. Acesso em: 10 maio 2016.

Disponível em: www.tvbrasil.etc.com.br/>. Acesso em: 01 junho 2016.

Disponível em: www.jornalcultura.sapo.ao/ >. Acesso em: 12 maio 2016.

Disponível em: www.revistapolivox.com/ >. Acesso em: 6 maio 2016.